



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS –
LÍNGUA INGLESA A DISTÂNCIA**

LAIONEL VIEIRA DA SILVA

DESCONSTRUINDO PARADIGMAS EM: “VÓ, A *SENHORA É LÉSBICA?*”

**JOÃO PESSOA
2020**

LAIONEL VIEIRA DA SILVA

DESCONSTRUINDO PARADIGMAS EM “VÓ, A SENHORA É LÉSBICA?”

Trabalho apresentado ao Curso de Letras –
Língua Inglesa da Universidade Federal da
Paraíba como requisito parcial para a obtenção
do grau de Licenciatura em Letras - Língua
Inglesa.

Orientadora: Profa. Dra. Nadilza Martins de
Barros Moreira

JOÃO PESSOA
2020

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586d Silva, Laionel Vieira da.

Desconstruindo paradigmas em: vó, a senhora é lésbica? /
Laionel Vieira da Silva. - João Pessoa, 2020.
31 f.

Orientação: Nadilza Martins de Barros Moreira,
TCC (Graduação) - UFPB/CCAIE.

1. LGBTQI+. 2. Desconstrução. 3. Lésbica. 4. Crítica
feminista. 5. Sexualidades. I. Moreira, Nadilza Martins
de Barros. II. Título.

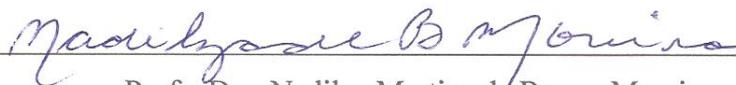
UFPB/CCAIE

CDU 82.02

LAIONEL VIEIRA DA SILVA

DESCONSTRUINDO PARADIGMAS EM “VÓ, A SENHORA É LÉSBICA?”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras -Língua Inglesa da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Letras – Língua Inglesa.



Prof. Dra. Nadilza Martins de Barros Moreira – UFPB

Orientadora



Prof. Dra. Danielle de Luna e Silva – UFPB

Examinadora



Prof. Dra. Liane Schneider - UFPB

Examinadora

JOÃO PESSOA

2020

AGRADECIMENTOS

A todas as divindades que sempre me auxiliaram durante todo o meu percurso acadêmico.

A minha família, por eu sempre ter a oportunidade de contar com o apoio em todos os momentos da vida.

A minha orientadora, Professora Doutora Nadilza Martins de Barros Moreira, por sempre encantar e me inspirar a seguir em frente.

Aos meus amigos e colegas de curso, por me proporcionarem excelentes momentos de reflexão, aprendizado e crescimento constante.

Você acha que ainda tem uma parte desconhecida dentro de você?
Apenas uma? Somos completamente desconhecidos para nós mesmos. O trabalho é justamente esse.

(POLESSO, 2015, p. 23)

RESUMO

O objetivo da pesquisa é realizar uma leitura crítica através de uma abordagem feminista e lésbica do conto: “Vó, a senhora é lésbica?”. A metodologia a ser usada se ampara nos estudos de gênero, na crítica feminista e nas sexualidades tendo a orientação sexual como o norteador das análises acerca das personagens no corpus selecionado. A hipótese é que na narrativa em questão, há elementos da heteronormatividade, os quais nos parece colocar a mulher lésbica numa posição de desconforto. A metodologia da pesquisa contempla um diálogo entre os estudos de gênero e as sexualidades, com o corpus proposto, traçando elementos primordiais como: as características dos personagens de mãos dadas com a crítica feminista de vertente anglo-americana, os estudos de gênero e de sexualidade, de suas práticas interpretativas, às implicações das experiências culturais e intersubjetivas de leitoras e/ou autoras reais nos discursos de representação.

Palavras-chave: LGBTQI+. Desconstrução. Lésbica. Crítica feminista. Sexualidades.

ABSTRACT

The objective of the research is to carry out a critical reading through a feminist and lesbian approach to the short story: “Vó, a senhora é lésbica?”. The methodology to be used is based on gender studies, feminist criticism and sexualities, with sexual orientation as the guide for the analysis of the characters in the selected corpus. The hypothesis is that in the narrative in question, there are elements of heteronormativity, which seems to put the lesbian woman in a position of discomfort. The research methodology contemplates a dialogue between gender and sexuality studies, with the proposed corpus, tracing primordial elements such as: the characteristics of the characters hand in hand with the Anglo-American feminist criticism, gender and sexuality studies, from their interpretative practices, to the implications of cultural and intersubjective experiences of real readers and / or authors in the discourses of representation.

Keywords: LGBTQI +. Deconstruction. Lesbian. Feminist criticism. Sexualities.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 OS FEMINISMOS.....	12
3 ANÁLISE DO CORPUS.....	20
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS.....	30

1 INTRODUÇÃO

A minha escolha pelo estudo das temáticas de gênero e de orientação sexual, aconteceu desde o primeiro contato com os estudos literários na graduação, pois sempre observei certo atravessamento entre os fenômenos sociais, históricos e políticos na construção de toda e qualquer narrativa, onde a representação de elementos tais como o machismo e o patriarcalismo de dada sociedade costumam refletir em tais obras, especialmente nas de autoria masculina.

As questões de representação literária e seus desdobramentos no que concerne as temáticas ligadas ao patriarcado e a autoria ficaram muito evidentes na disciplina de Literatura Norte Americana 1, ministrada pela professora doutora Nadilza Moreira em 2019. Na seleção dos textos estudados na disciplina mencionada, pudemos observar a importância do pertencimento cultural e social de determinados grupos no ato de narrar, de modo particular quando estudamos mulheres escritoras afro-americanas, a exemplo da mulher negra escravizada Sojourner Truth (1797-1883). Tal descoberta levou-me a perceber o protagonismo feminino nas mulheres escritoras e as intersecções dos estudos de gênero, classe e feminismos nas produções literárias de autoria feminina.

Fato este que pude comprovar com a repercussão, polêmica para alguns, de uma das narrativas selecionadas para a prova do ENEM de 2018 intitulada: “Vó, a senhora é lésbica?”. Conto publicado na coletânea, *Amora*, 2017, cuja autora, Natália Borges Polessio, escritora contemporânea, desabrocha para um público ávido pelas temáticas propostas nas suas obras como, lesbianidade, descoberta da sexualidade, entre outros. Ter uma questão no ENEM, que tratava de um conto de temática lésbica, acompanhada de uma questão do referido conto que focalizou a protagonista, uma mulher lésbica, me fez pensar a possibilidade de discuti-lo aqui nesse trabalho.

De modo que a discussão provoca reflexões e cumpre um papel social de desafio às normas pretensamente conservadoras existentes, posição essa que é preciso ser adotada quando se pensa em uma sociedade menos desigual e implicada na promoção de uma sociedade verdadeiramente plural.

Ao longo do percurso acadêmico, estive diante um fato que me chamava atenção: enquanto a sexualidade masculina ganhava visibilidade, a sexualidade feminina era sistematicamente invisibilizada, especialmente a daquelas mulheres que se desviavam do suposto padrão de sexualidade autoproclamado como norma, a heteronormatividade.

Segundo Lionço (2008), a heteronormatividade é compreendida como uma matriz de inteligibilidade na qual se apresenta a “partir da heterossexualidade, tomada como parâmetro de normalidade, que toda e qualquer expressão da sexualidade é valorada. Configura como uma norma, um princípio ordenador segundo o qual a pluralidade das experiências sexuais é significada” (LIONÇO, 2008, p.309).

Conceitos dos estudos de gênero como “heteronormatividade” (LIONÇO, 2008) e “heterossexualidade compulsória” (RICH, 2010) nos auxiliam na elaboração deste trabalho monográfico na medida em que ambos os conceitos discutem as desigualdades de gênero e de orientação sexual. O conceito de gênero aqui é entendido conforme discutido por Butler (2003), que o define enquanto um ato performativo que orienta papéis e expressões sociais.

Assim, o gênero pode ser pensado como uma produção social repetitiva, e questiona um lugar de qualidade natural do ser. O gênero se revela a partir de uma performance imposta politicamente, ao mesmo tempo em que se abre a crítica de um status supostamente natural (BUTTLER, 2003).

O objetivo geral da nossa pesquisa é realizar uma leitura crítica através de uma abordagem feminista e lésbica do conto “Vó, a senhora é lésbica?”. Pretendemos nortear nosso trabalho dialogando com **valores socioculturais da sociedade brasileira**, e, sobretudo, estabelecer relações entre **as contribuições dos movimentos feministas e dos estudos da sexualidade** que levam em consideração as representações e o protagonismo feminino nas variadas vertentes das sexualidades e suas construções simbólicas.

Esse estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa de método indutivo com objetivo de estudo exploratório e descritivo. A metodologia de pesquisa contempla um diálogo entre os estudos de gênero e de sexualidade, com a análise do corpus proposto, traçando elementos primordiais como: as características dos personagens de mãos dadas com a crítica feminista de vertente anglo-americana, os estudos de gênero e de sexualidade, de suas práticas interpretativas às implicações das experiências culturais e intersubjetivas de leitoras e/ou autoras reais nos discursos de representação. E por fim, responder a questionamentos quanto aos possíveis avanços na igualdade de direitos entre homens e mulheres, e entre pessoas cisgênero-heterossexuais e pessoas LGBTI+.

Através das leituras realizadas é possível perceber a presença dos temas das desigualdades de gênero e da sexualidade dentro do corpus de análise escolhido, em sentido semelhante àqueles de nossa sociedade brasileira contemporânea.

O problema posto é: Qual é o lugar da mulher lésbica no corpus literário escolhido, “Vó, a senhora é lésbica”? Em nossos estudos partimos da hipótese de que, na narrativa em análise, há elementos da heteronormatividade, os quais nos parece colocar a mulher lésbica numa posição bastante desconfortável, que a coloca à margem familiar pelo medo, pois teme a desaprovação social do grupo dominante.

Considerando o contexto de insegurança familiar pretendemos expandir nossa análise, tornando visível aquilo que, sistematicamente se tenta negar ou desqualificar: a sexualidade das mulheres lésbicas. Portanto, nosso objetivo na pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso é problematizar o lugar da mulher lésbica no espaço do recorte literário selecionado com a finalidade de propor alternativas para o empoderamento LGBTI+ de uma sigla (L) que, muitas vezes, não é considerada em sua dupla condição, isto é, a de estar num corpo feminino e lésbico à procura de emancipar-se no que diz respeito ao gênero e a orientação sexual.

Os temas das sexualidades não heteronormativas, como a homossexualidade e a bissexualidade, trazem ainda hoje, em nossa sociedade pretensamente conservadora, reações de preconceito, exclusão e negação de direitos à determinados grupos minoritários. Lionço (2008) explica que a heteronormatividade impõe um silêncio generalizado sobre a temática do reconhecimento da diversidade sexual, há um esforço em afirmar que não há pessoas LGBTI+ em obras literárias, onde precocemente “as crianças aprendem a indexar o universo social da dicotomia de gênero (LIONÇO, 2008, p. 312).

Tal suposição de naturalização da heterossexualidade como único fundamento do laço afetivo e sexual é encarada pela autora, como um desafio à equidade, pois o outro (não heterossexual) é ora silenciado, ora visto como não-legítimo/marginal. Esse jogo intencional das desigualdades sexuais pode encontrar agravantes específicos quando a sexualidade em questão é a da mulher lésbica, pois desafia-se ao mesmo tempo uma concepção social de sexualidade, que discursivamente se pretende afirmar heterossexual e masculina.

De modo que, produzir e estimular a produção de conhecimentos inclusive no campo literário, que abordem essas problemáticas de maneira crítica e inclusiva, favorece a desconstrução de um modelo social de exclusão, invisibilidade e violência. O desafio posto é enfrentar os dilemas e as contradições vivenciadas pelas personagens do conto, contextualizando as problemáticas da ficção com as demandas dos movimentos feministas e LGBTI+.

A contribuição esperada da nossa investigação tem como pressuposto refletir, denunciar e analisar as situações de conflito enfrentadas pelas personagens do corpus selecionado e suas extensões nos estudos de gênero quando trabalhamos as dificuldades sociais entre outras da inserção feminina e lésbica na sociedade e nos grupos familiares e sociais em geral.

2. OS FEMINISMOS

Durante séculos da história Ocidental, diversos conceitos foram construídos sobre marcadores sociais de diferenças, visando hierarquizar povos e culturas sobre determinados parâmetros. Entre tais grupos, é possível observar a construção de uma sociedade patriarcal e machista que organiza a sociedade de modo desigual, delegando aos homens um status de superioridade absoluta em detrimento do status das mulheres que ficaram sujeitas a uma estrutura de poder que as colocou à margem da sociedade. Tal construção assume-se com respaldos discursivos de diferentes campos e instituições sociais, dirigidas pelos interesses dos próprios homens.

A maneira como se organiza esse marcador social em determinadas épocas e culturas é identificada com uma divisão de trabalho clara, citamos por exemplo, a organização do século XVIII, que direcionava os homens para a atividade do acúmulo de capital através do discurso burguês, enquanto reforçava a mulher como alguém que deveria estar atrelada ao espaço privado:

O distanciamento do homem do espaço doméstico e da mulher da esfera pública deixou os burgueses livres para que acumulassem bens e, ao mesmo tempo, enclausurassem, mais ainda, as mulheres, nos restritos limites do lar. A formação da família burguesa propiciou e exigiu a delimitação clara dos espaços: aos homens competia os espaços públicos, às mulheres, o doméstico (MOREIRA, 2003, p.30).

Assim, a mulher estaria associada a um discurso baseado em uma perspectiva filosófica que visava construir uma espécie de “natureza feminina”, uma espécie de “anjo do lar” (MOREIRA, 2003). Há uma construção dos atributos socialmente esperados da mulher com um nível de engenharia social sofisticada, que tornaria natural tais fenômenos sociais.

Outras instituições, como a religião cristã, em sua formação e percurso histórico têm desempenhado normatizações dos corpos e das sexualidades com impactos

culturais significativos em toda a sociedade Ocidental há milênios, desde práticas como a confissão, a instauração de tribunais de Inquisição e diversos métodos de interrogatórios, onde o sujeito (homens e mulheres) passa a ser identificado pelo discurso de verdade que seria capaz, ainda que obrigado, a ter sobre si mesmo (FOULCAULT, 1988).

Perspectivas essas que encontravam apoio ou eco através de outras instituições sociais, como a própria Ciência. Inclusive é no século XIX, que se organiza um vasto campo de saber científico com um discurso baseado na tentativa do controle dos corpos e das sexualidades:

Pode ser, muito bem, que a intervenção da Igreja na sexualidade conjugal e sua repulsa às "fraudes" contra a procriação tenham perdido, nos últimos 200 anos, muito de sua insistência. Entretanto, a medicina penetrou com grande aparato nos prazeres do casal: inventou toda uma patologia orgânica, funcional ou mental, originada nas práticas sexuais "incompletas"; classificou com desvelo todas as formas de prazeres anexos; integrou-os ao "desenvolvimento" e às "perturbações" do instinto; empreendeu a gestão de todos eles (FOUCAULT, 1988, p. 41).

A compreensão de tal rede profética de verdade nos ajuda a entender a complexidade de discursos que são construídos socialmente, de modo que não é possível encontrar um único ponto ou direção que a reforça. A produção de verdades é fenômeno que pode vir a afetar o sujeito de diferentes modos, e fazer com que tal pessoa não os perceba enquanto construções sociais, que perpassam marcadores sociais, como os de gênero, raça/etnia ou orientação sexual.

Será nesse cenário e diante do atravessamento dessas instituições que se encontrará a mulher (e sua sexualidade) no século XX, também pensada como categoria ideologicamente universal:

Em nossa sociedade, a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão e essa passa a ser a referência que não precisa mais ser nomeada. Serão os "outros" sujeitos sociais que se tornarão "marcados", que se definirão e serão denominados a partir dessa referência. Desta forma, a mulher é representada como "o segundo sexo" e gays e lésbicas são descritos como desviantes da norma heterossexual (LOURO, 2000, p.9).

Conforme descrito, é o homem branco, heterossexual, de classe média, urbano e cristão que por muito tempo definirá o que significa "os outros", de maneira

hierárquica se autoproclamando superior e elegendo atributos que assim julga ser pertinentes para determinada leitura social. A mulher seria pensada como ser frágil, delicada, amorosa, paciente, e no outro polo haveria o homem, pensado como forte, corajoso e racional (LOURO, 2000; LOURO, 2014).

O próprio discurso de construção de corpos também é encontrado em figuras que ousam transgredir os ideais de masculinidade e feminilidade socialmente atribuídos: “a mulher representada como histérica; [...] o casal que utiliza formas artificiais de controle de natalidade; e o "pervertido", especialmente o homossexual” (LOURO, 2000, p.36).

É diante do enfrentamento a categorias sociais em construção (que perduram até hoje) como as que inferiorizam ou retiram direitos de um grupo específico de pessoas que surge a necessidade de se pensar o desenvolvimento dos movimentos sociais. No caso específico das que buscam pela desconstrução das desigualdades de gênero socialmente construídas e pela equidade entre homens e mulheres, temos os movimentos feministas. Em uma de suas formas de definição expressa por autoras feministas temos:

O feminismo pode ser definido como o movimento social que reivindica a melhoria das condições de vida das mulheres e reconhece que homens e mulheres, apesar das suas diferenças, são equivalentes. Atualmente, é um movimento muito ramificado e seccionado, no qual diferentes pautas são discutidas e defendidas ao mesmo tempo por diversas vertentes do movimento (CARDOSO & SILVA, 2018, p. 1).

Com finalidade meramente didática é possível dissertar tais pautas organizadas através das chamadas “ondas do feminismo”, que nos auxiliam a compreender alguns marcos importantes de lutas das mulheres.

A primeira onda feminista, ocorrida entre o final do século XIX e o início do século XX teve como marco a manifestação do movimento sufragista reivindicando direitos políticos e sociais para as mulheres, como o direito de votar e serem votadas (LOURO, 2014).

Nesse momento é importante destacar que, além do marcador “gênero”, outros marcadores estavam em disputa como “raça/etnia” e classe. Enquanto as mulheres brancas, escolarizadas e de classe média tinham como interesse temas como a igualdade de oportunidades no mercado de trabalho, a mulher pobre (e negra) já trabalhava há muito tempo e sob condições precárias. A respeito da primeira onda, a autora feminista Louro (2014, p. 15) afirma:

Seus objetivos mais imediatos (eventualmente acrescidos de reivindicações ligadas à organização da família, oportunidade de estudo ou acesso a determinadas profissões) estavam, sem dúvida, ligados ao interesse das mulheres brancas de classe média, e o alcance dessas metas (embora circunscrito a alguns países) foi seguido de uma certa acomodação no movimento.

Devido a essa organização e movimentação social torna-se possível pensar os temas que se relacionam a uma segunda onda de feminismo. Nesse momento, por volta dos anos de 1960, é possível pensar construções teóricas a respeito de conceitos como os de “gênero”, e obras de bastante contribuição como o lançamento do livro “o segundo sexo” de Simone Beauvoir (CARDOSO & SILVA, 2018; LOURO, 2014).

Embora Beauvoir tenha escrito *O segundo sexo* no período de transição entre a primeira e a segunda onda feminista, ela ainda é influenciada pelo feminismo igualitarista da primeira onda, ou seja, Beauvoir tinha o modelo masculino como neutro e desejável, e acreditava que para a mulher alcançar a categoria de sujeito livre ela teria que ser igual ao modelo de sujeito livre, no caso o homem (CARDOSO & SILVA, 2018, p 1-2).

Portanto, a segunda onda do feminismo poderia ser pensada em dois momentos, o primeiro relacionado às ideias de Simone Beauvoir, através de uma perspectiva mais igualitarista, enquanto em segundo momento haveria uma perspectiva que discutia as diferenças impulsionadas pelas pesquisas de Betty Friedan, publicadas em seu livro, *A Mística Feminina*, de 1963, que revolucionou os estudos sobre as mulheres. (CARDOSO & SILVA, 2018).

Friedan diagnostica um desconforto sentido pelas mulheres como o “problema sem nome”. As americanas, que formaram o grupo de amostragem de Friedan, não sabiam nomear o mal-estar que sentiam diante do cotidiano que lhes era imposto, ou seja, o de funcionarem sempre a serviço dos demais membros da família, cuja rotina girava em torno das necessidades dos filhos e do marido; suas próprias vontades, seus próprios desejos eram secundários, até então. A mulher cumpria – para isto fora criada e educada – o papel, simplesmente, de esposa, de mãe e dona-de-casa, supostamente, feliz em satisfazer a todos. Ela própria, com seus anseios, era marginalizada. A pesquisa de Friedan desencadeia um processo irreversível de desconstrução do mito à cerca dos papéis concebidos como “naturais” da mulher (MOREIRA, 2003, p. 32-33).

Nesse período, meados do século XX, havia muitas mudanças sociais ocorrendo no mundo, e um clima pronto de efervescência política, social e cultural

instaurados, havia a presença pública de grupos de conscientização, protestos, marchas, como também a organização de jornais, livros e revistas sobre temas relacionados a tais climas de mudanças na sociedade, os quais também trariam mudanças em instituições sociais como as universidades (LOURO, 2014).

É a partir das discussões levantadas pelas feministas anglo-saxãs do século XX, que se iniciam as diferenças nas palavras *gender* e da palavra *sex*, rejeitando noções de determinismos biológicos sobre homem ou mulher, e observando o caráter social, dessas distinções. Não se trata de negar que o gênero se constitua sobre um corpo, mas enfatizar as construções sociais e históricas produzidas sobre ele (LOURO, 2014).

Com as contribuições das feministas da segunda onda foi possível pensar uma diversidade de temáticas de gênero no contexto acadêmico, que se ampliou a partir do surgimento da terceira onda do feminismo, ocorrido por volta dos anos 1990 nos Estados Unidos. Com a terceira onda do movimento houve uma expansão dos temas feministas que passaria a incluir um conjunto maior de identidades das mulheres, englobando características e pertencimentos que até então ainda permaneciam à margem das pautas feministas:

A Terceira Onda apresenta uma pauta de reivindicações mais ampla do que o grupo da Segunda Onda, uma vez que engloba “a teoria queer, a conscientização da negra, o pós-colonialismo, a teoria crítica, o transnacionalismo”, entre outros. Aponta como aspecto relevante a auto-estima sexual, uma vez que a sexualidade é também uma modalidade de poder. Feministas marginalizadas, anteriormente, contribuem para estabelecer a identidade dessa onda que acredita ser a contradição e a negociação das diferenças uma das características mais significativas do feminismo contemporâneo (ZINANI, 2009, p. 413).

É nesse momento, de surgimento da terceira onda, que os temas da interseccionalidade ganham maior evidência nos movimentos feministas, onde mulheres pertencentes à diversas opressões: de raça/etnia, classe e orientação sexual podem analisar e refletir sobre tais condições, tornando possível discutir temas específicos relacionados às mulheres lésbicas, por exemplo. Pensar as opressões vivenciadas pelas mulheres lésbicas se torna possível apenas com as contribuições das mulheres que antecederam à essa possibilidade de diálogo e construção discursiva.

Para tratar da intersecção: mulher lésbica, se faz necessário dar atenção para algumas experiências importantes vividas por elas, que não tiveram uma visibilidade tão significativa quanto as discussões apresentadas por mulheres heterossexuais.

Discutir as intersecções feministas, como a da mulher lésbica, era o pensamento de teóricas feministas como Adrienne Rich (2010), que critica a ideologia da heteronormatividade, inclusive entre as próprias mulheres feministas (heterossexuais), com a finalidade de fazer com que essas mulheres pudessem ampliar as discussões em torno da heterossexualidade enquanto instituição política. De modo que, uma das preocupações apresentadas por Rich (2010, p.22) “[...] se refere à negligência total ou virtual da existência lésbica em um amplo conjunto de textos, inclusive da produção acadêmica feminista”.

Semelhante processo de apagamento, ou silenciamento é discutido por outras autoras feministas com atuação no contexto escolar e acadêmico de cenário brasileiro, que corroboram com a ideia da negligência da existência lésbica, nos diversos textos acadêmicos e ficcionais. Um exemplo que pode ser citado é o de Lionço & Diniz (2008, p. 312), ao firmar que, “nos livros didáticos, o caráter heteronormativo das relações sociais está presente nos padrões de representação de gênero e de organizações familiares, nos discursos sobre afetos e também na ausência do tema da diversidade sexual”. Reforça, portanto, a hegemonia de um discurso heteronormativo, que simula naturalidade perante a sua formação enquanto discurso produzido socialmente.

De acordo com Lionço & Diniz (2008, p. 313), a heteronormatividade ao se fundamentar em suposto discurso de biologia humana, naturaliza corpos e o entendimento de relação sexual, ao mesmo passo que exclui às dimensões sociais e simbólicas da sexualidade, “sendo a reprodução sexuada a tônica nas discussões sobre a sexualidade nos livros didáticos de ensino fundamental e médio”

O universo apresentado, restrito o sexo enquanto apenas reprodução, passa a ser modelado pelas diversas instituições sociais, que inclui desde a família até a escola, de modo muito precoce na formação das mulheres e dos homens, negando a sexualidade da mulher e torna desviante a sexualidade não heteronormativa.

No que diz respeito às relações de poder e violência perpetrada pelo homem sobre o corpo da mulher é possível identificar exemplos de situações que negam a sexualidade da mulher, tais como a punição, restrições contra a masturbação, ou destruição de documentos relacionados a existência da mulher lésbica (RICH, 2010).

A história de apagamento e invisibilidade construída sobre o corpo e a sexualidade da mulher lésbica não é prática recente, ela persiste até os nossos dias nos movimentos sociais e na academia. Um fato curioso a respeito dessa prática é contado por Borrillo (2010, p. 27):

A historieta atribuída à rainha Vitória, no momento da atualização, no século XIX, das penas contra as relações sexuais entre homens é bastante eloquente. Tendo sido interrogada sobre a impunidade das relações sexuais entre mulheres, a rainha respondeu: "Como punir algo que não existe?"

Na mesma medida, porém diametricamente oposta, outras estratégias de reforço a sexualidade heterossexual se fortalecem por se tornarem institucionalizadas, é o caso do matrimônio e da maternidade; assim como a idealização das relações amorosas heterossexuais em diversos contextos como mídia, literatura e propaganda; descrições pornográficas das mulheres ao responderem com prazer tanto à violência sexual, quanto às humilhações; apreensão legal dos filhos de mães lésbicas; confinamento físico; monitoramento das mulheres para desvia-las de certas profissões supostamente masculinas (RICH, 2010).

O poder masculino heterossexual mantém a posição de controle sobre as mulheres através das instituições apontadas acima e se potencializa ao reforçar e defender uma “heterossexualidade ideal” para a mulher.

O uso de um poder institucionalizado está enraizado na nossa cultura com vistas a controlar os corpos, porém impactam mais diretamente a parcela da população que possui uma sexualidade não heterossexual. Mott (2002) no seu artigo, “Por que os homossexuais são os mais odiados dentre todas as minorias?”, apresenta contribuições importantes para entender como as sexualidades das mulheres lésbicas e dos homens gays são discriminadas socialmente, elencando um histórico de visões elaboradas acerca da ideia da “homossexualidade”, vista como: crime hediondo, os quais aqueles que assim fossem identificados como pessoa que fizesse sexo com alguém do mesmo sexo (especialmente homens), seriam perseguidos por instituições como a antiga santa inquisição, ou alvos tratados como delinquentes pelos policiais.

Outros elementos são apontados por Mott (2002) como o pecado abominável, considerado pela teologia moral cristã um pecado mais grave do que matar a própria mãe; a homofobia internalizada, que funciona como uma espécie de ódio sentido por aqueles que possuem desejos homoeróticos e ainda não transgrediram a imposição da heteronormatividade, ocasionando efeitos que vão desde a frustração sexual até o suicídio; a opressão familiar, que opera numa lógica heteronormativa de exclusão e violência; o complô do silenciamento que funciona através da exclusão e da violência pela prática sistemática do apagamento intencional da(s) narrativa(s) biográfica(s) dos

homossexuais na história pessoal e social; homofobia religiosa, com discursos que forcem o preconceito e o estigma social; as posições políticas, também chamadas de “pensamentos identificados” que consideram a luta dos LGBTI+ como uma “luta menor”, ou seja, uma luta sem importância, irrelevante; e por fim, a “homofobia acadêmica”, onde muitos alunos e professores permanecem com a orientação sexual oculta enquanto assistem outros docente emitindo opiniões erradas sobre a homossexualidade.

Sobre o aspecto da homofobia acadêmica, Mott (2002) nos conta que são poucas as instituições de ensino superior no país que fomentam a inclusão do ensino e da pesquisa acerca das sexualidades nos cursos e nas disciplinas da grade curricular tanto na graduação quanto nas pós-graduações., sobretudo das homossexualidades, em que professoras e professores, pesquisadoras e pesquisadores são desestimulados a seguir tais assuntos, seguindo a norma hegemônica.

As referências bibliográficas mencionadas e/ou cotejadas no trabalho em andamento muito nos ajudam a entender e a construir uma trajetória epistemológica sobre os Estudos acerca das Sexualidades focalizando o grupo LGBTI+ que será objeto das nossas considerações no capítulo de análise na monografia em construção, demarcando a experiência lésbica dentro desse grupo social.

As lésbicas têm sido historicamente destituídas de sua existência política através de sua “inclusão” como versão feminina da homossexualidade masculina. Equacionar a existência lésbica com a homossexualidade masculina, por serem as duas estigmatizadas, é o mesmo que apagar a realidade feminina mais uma vez (RICH, 2010, p. 36).

Tornar visível a interseção da lésbica enquanto mulher, evidenciando a sexualidade não heterossexual é um desafio que se coloca em dupla pertença, sobretudo na desconstrução de modelos de exclusão e preconceito contra a mulher lésbica. A “lesbofobia” aponta uma categoria de estudo que evoca violências particulares que se define pela dupla aversão baseada no fato de ser mulher e homossexual, acumulando discriminações de gênero e sexualidade (BORRILLO, 2010).

É na desconstrução dos ideais hegemônicos considerados nas considerações aqui estudadas que a obra narrativa de Polesso (2015), o corpus em análise proposto, tem muito a nos ensinar a respeito de temas da sexualidade, representatividade lésbica, feminismos e tantos outros, pois ousa transgredir ao mesmo tempo uma visão normativa

de gênero, também como rompe essa heteronormatividade da qual se tenta encaixar a mulher lésbica.

3. ANÁLISE DO CORPUS

O nosso *corpus* de análise é o conto “Vó, a senhora é lésbica?”, escrito por Natália Borges Polezzo, publicado em 2015, junto a outras 35 narrativas que compõem a coletânea “Amora”. A trama narrativa se desenrola durante uma das refeições de família na qual um dos netos presentes, Joaquim, faz a inusitada pergunta: “Vó, você é lésbica?” Esta pergunta funciona como o estopim, o desencadeador da trama que compõe não só o enredo da narrativa objeto da nossa pesquisa, mas dá título à obra em tela.

Os personagens da estória estão à mesa e são todos membros da mesma família e netos de Clarissa, a avó suspeita de ser lésbica; ela era professora de história e funciona como uma das protagonistas do conto em análise.

A estória tem início na pergunta do primo de Joana, Joaquim, direcionada a avó Clarissa, no que diz respeito a sexualidade da mesma, da qual ele desconfia (em tom misto de curiosidade e inquisitor) se tratar ser uma orientação sexual lésbica, instaurando o clima de tensão, que provoca um visível desconforto entre as pessoas presentes na cena, em especial, Joana.

“Vó Clarissa deixou cair os talheres no prato, fazendo a porcelana estalar. Joaquim, meu primo, continuava com o queixo suspenso, batendo com o garfo nos lábios, esperando a resposta” (POLESSO, 2015, p. 16).

Joana tenta evitar o assunto e as repercussões da pergunta colocada, ao mesmo tempo que revisita as memórias vividas tanto na infância naquela casa, como os primeiros momentos de romance com a jovem Taís, com quem teve as suas primeiras experiências afetivas enquanto mulher lésbica.

Durante as lembranças evocadas a figura da tia Carolina se destaca, considerada uma grande amiga da avó, que a visitava frequentemente, e percebe que entre a amizade desenvolvida entre tia Carolina e avó Clarissa algo mais acontecia além de uma simples amizade.

Entre o clima de tensão estabelecido diante da pergunta de Joaquim, sobre a sexualidade da avó, e as lembranças evocadas por parte da protagonista, Joana, a narrativa se desenvolve tendo como reflexões a liberdade e o reconhecimento da

diversidade sexual (feminina). Tratada com um cuidado que nos leva a perceber situações de cerceamento da sexualidade e ao mesmo tempo de possibilidades que se desdobram para viver tais identidades. Ambas as situações demonstradas através das vivências de mulheres em diferentes contextos e com marcadores geracionais definidos, que remete a algumas décadas de diferença.

A estória fala sobre duas mulheres lésbicas, Joana e Clarissa, neta e avó, de uma mesma família, nos conta sobre vivências plurais da sexualidade da mulher lésbica, através da jovem que descobre a sua sexualidade e de uma mulher idosa que há décadas rompeu com a norma heteronormativa.

Alguns elementos da narrativa podem ser identificados no que diz respeito a estrutura da construção e ambientação do conto: trata-se de uma narrativa curta, com apenas cinco páginas, reduzido número de personagens, onde se condensa o conflito, tempo e espaço da estória, tipicamente como é apresentado o gênero “conto” (GANCHO, 2004).

Como uma das protagonistas do conto, somos apresentados à Joana, uma jovem que tem se descoberto enquanto lésbica e namora uma colega de turma chamada Taís (personagem secundário). Joana se mostra alguém que se relaciona bem com a própria sexualidade, embora a mantenha em segredo da própria família. Outros personagens compõem a narrativa: a avó Clarissa, a qual viveu um relacionamento secreto com a chamada tia Carolina, e os primos Joaquim, e Beatriz, personagem sem expressão no enredo e no contexto narrativo.

O conto desenvolvido segue através da narrativa em primeira pessoa, apresentando uma perspectiva do campo de visão limitado a percepção da jovem Joana. Nesse tipo de narrativa, o narrador participa diretamente do enredo enquanto personagem. Sobre esse tipo de narrador, Gancho (2014, p.21) o define como sendo:

é aquele que participa diretamente do enredo como qualquer personagem, portanto tem seu campo de visão limitada isto é, não é onipresente, nem onisciente. No entanto, dependendo do personagem que narra a história, de quando o faz e de que relação estabelece com o leitor, podemos ter algumas variantes de narrador personagem.

Nesse caso o narrador em primeira pessoa também é protagonista da estória, nos levando a conhecer parte de um tempo psicológico da personagem, sobretudo em momentos em que se referem a episódios da infância, como também das primeiras

experiências afetivo e sexuais como, da descoberta da própria sexualidade, conforme é possível ler em passagens narradas pela jovem Joana ao ouvir a avó contando a própria estória:

Enquanto eu olhava a tapeçaria, a Taís invadiu meus pensamentos. Me lembrei da sua mão quente tocando meu corpo, por baixo do blusão, e pensei nas mãos cheias de anéis da tia Carolina percorrendo o corpo da minha vó. Na tapeçaria, as duas mulheres tocavam as mãos. Respirei pesado e a Taís voltou, enfiei meu rosto em seus cabelos e aspirei-lhe bem fundo a nuca. Mas quando recuei, eram os cabelos brancos da tia Carolina sobre a face da vó Clarissa. Um caneco de cerveja se esvaziava num chão de lã amarela numa outra parte da tapeçaria, eu e a Taís dançávamos no quarto dela e depois de um ou dois giros eram os corpos da tia Carolina e da vó Clarissa que caíam ofegantes sobre a cama. Tive a sensação de ter perdido grande parte da explicação (POLESSO, 2015, p.20).

Trata-se de uma técnica bastante utilizada em narrativas a serviço de tempo psicológico, o *flashback*, que consiste basicamente em voltar no tempo (GANCHO, 2014). Enquanto o ambiente em que se passa a narrativa transita entre aquele da refeição em família e os *flashbacks* a respeito dos encontros entre Joana e Taís no ambiente escolar, e das estratégias de encontro entre a avó Clarissa e a tia Carolina. Já quanto ao espaço em que se passa a narrativa temos sala de jantar da casa da avó Clarissa.

O enredo encontra o seu conflito já nos momentos iniciais do conto, apresentado pelo questionamento quanto a orientação sexual da avó Clarissa, e o clima de tensão que ali se instaura, havendo um desenvolvimento durante a narrativa que alcança o seu clímax no momento em que a avó responde à pergunta lançada pelo Joaquim:

Levei o moedor para a mesa e, quando ia escapando, ela falou.
— Você não vai sentar para ouvir a resposta do que seu primo perguntou? Sentei. Aliás, eu nem percebi que já estava sentada, foi como se meu corpo tivesse feito aquilo automaticamente. Minha cabeça convulsa dentro, os fatos se conectavam. (POLESSO, 2015, p.19).

Na narrativa fica evidente duas condutas distintas: a da avó ao responder à pergunta, e a da neta ao tremer diante da pergunta de Joaquim. O clímax da estória está na resposta à pergunta lançada, “vó, a senhora é lésbica?”, pergunta que funciona na narrativa como um tipo de anticlímax, de suspense, uma vez que todos esperavam a resposta da avó. Há um enfrentamento silencioso em que se faz a tensão textual como um reflexo da tensão dos personagens presentes ao fato, instaura-se uma sensação de provável constrangimento direcionado a avó Clarissa.

Como desfecho temos a resposta apresentada pela avó, de maneira muito confiante, que no final da narrativa gera reflexões para a personagem Joana, nos convidando a junto da personagem elaborar teorias a respeito do porquê a avó Clarissa e a tia Carolina não estariam morando juntas.

É possível elencar alguns fatores que remetem às questões atreladas as discussões de gênero, sobretudo das reflexões advindas daquelas críticas apresentadas por pesquisadoras feministas: Adrienne Rich, Guacira Lopes Louro, Tatiana Lionço.

Um dos primeiros marcos das questões de gênero está na figura de Joaquim que traz o questionamento sobre a sexualidade lésbica com certo nível de paternalismo e punição, evidenciando uma sensação de desconforto em Joana, que se sentiu ameaçada pela possibilidade de ser denunciada pelo primo que sabia da relação dela com a amiga Taís. Nesse momento o homem (possivelmente heterossexual), se coloca na posição de regulador da sexualidade feminina:

A vergonha estava na minha cara e me denunciava antes mesmo da delação. Apertei os olhos e contraí o peito, esperando o tiro. Atrás das minhas pálpebras, Taís e eu nos beijávamos escondidas no último corredor da área de humanas na biblioteca da faculdade. (POLESSO, 2015, p. 34).

Estratégias de regulação sexual tem nos acompanhados na nossa história enquanto cultura ocidental há séculos, e com diversas contradições. Um dos períodos históricos que pode exemplificar as condutas reguladoras nos remete a Era Vitoriana, onde havia uma dupla moral: em termos de discurso, um caráter repressivo naquilo que é aparente, porém na prática havia uma quantidade considerável de contradições e hipocrisias, que visava regular os corpos dos homens e das mulheres de modos específicos (FOUCAULT, 1988; LOURO, 2000). Como estratégia de regulação da sexualidade, porém, havia desigualdades na maneira em como a sexualidade masculina e feminina eram pensadas, assim descreve a feminista Louro (2000, p. 37):

A sexualidade das mulheres era severamente regulada para assegurar a "pureza", mas, ao mesmo tempo, a prostituição era abundante. As doenças venéreas representavam uma grande ameaça à saúde, mas eram enfrentadas através de tentativas de controlar e regular a sexualidade feminina ao invés da masculina.

Considerando as reflexões feitas acima acerca da Era Vitoriana é importante observar que o controle exercido não implica na tentativa do desaparecimento da sexualidade, mas em hierarquiza-las sobre determinados parâmetros do patriarcalismo,

que reforçaria ao mesmo tempo a construção de estereótipos. Há no questionamento feito por Joaquim reações diversas sentidas pelos personagens que esperavam uma resposta à pergunta lançada, que poderiam ser interpretadas com um olhar inocente ou de certa naturalidade, como o exemplo da prima Beatriz, ou da ansiedade defensiva perante a possibilidade da homofobia, reforçando tais estereótipos.

A personalidade homofóbica, enquanto estrutura psíquica de tipo autoritário, funciona com categorias cognitivas extremamente nítidas (estereótipos), permitindo-lhe organizar intelectualmente o mundo em um sistema fechado e previsível. Os gays são, assim, sistematicamente apresentados como frívolos que se submetem à promiscuidade sexual, solitários ou narcísicos; por sua vez, as lésbicas são percebidas como agressivas e hostis para com os homens (BORRILLO, 2010, p. 99).

A voz narrativa do conto em questão explora a temática do ser uma mulher lésbica, com naturalidade, há um sentido positivo da imagem lésbica, ao mesmo tempo que no decorrer da narrativa revela um processo de reconhecimento entre as mulheres lésbicas postas na obra, sendo inclusive objeto de inspiração e empoderamento feminino através do processo de identificação ocorrido entre elas.

A avó Clarissa, assim como a tia Carolina, passam a inspiração para a neta, Joana, durante muitas passagens citadas no conto. Como destaque, afim de ser exemplificada temos o seguinte trecho citado pela personagem Joana ao falar de sua admiração pela avó e o jeito dela de contar histórias:

Eu corria pela casa e voltava com passos atrapalhados, carregando mais livros do que podia carregar, jogava tudo no sofá e voltava correndo para buscar algum que tivesse se perdido pelo caminho. Ela ria alto e falava mas escuta, quantas histórias você quer que eu conte? Acho que não teremos tempo para tudo isso! Eu continuava com olhos gulosos, esperando que ela começasse (POLESSO, 2015. P. 16).

Ao mesmo tempo o espaço onde a narrativa se desenvolve, em tempo presente e em tempo passado, como sendo o espaço da casa, evidencia um papel de cuidado direcionado a mulher, especialmente atribuída aos mais velhos, onde a avó de Joana é representada na figura de cuidadora e associada a imagem de uma mulher ligada as convenções sociais, construídas na instituição patriarcal do casamento heterossexual. Fato esse que pode ser percebido quando, nos últimos momentos da narrativa, a jovem Joana reflete sobre o porquê a avó Clarissa e a tia Carolina não estariam juntas, percebe

que elas precisaram manter relacionamentos heterossexuais, eram casadas com homens, e ambas precisavam viver a sexualidade secretamente:

No final, minha vó dizia vinte anos, faz vinte anos. Até que o Joaquim perguntou por que ela e a tia Carolina não moravam juntas. Essa a minha vó não respondeu, disse que por hoje estava bom de histórias e resumiu dizendo que não moravam juntas porque não queriam. Porém me ocorreu lembrar que a tia Carolina tinha sido casada com o seu Carlos. Me ocorreu que talvez ela não pudesse ficar com a minha vó (POLESSO, 2015, p. 20).

Essa situação de ocultação da sexualidade da mulher lésbica é descrita por feministas como Rich (2010) como uma das estratégias de exercício do poder masculino, convencidas de que o casamento (heterossexual) e uma sexualidade direcionada aos homens seriam naturalmente desejados, mesmo diante de situações de violência. Os aspectos emocionais da mulher lésbica seriam esquecidos, tornando-se apenas uma espécie de objeto sexual para o homem (heterossexual).

A heterossexualidade compulsória é construída através da ideologia do romance heterossexual que ensina a mulher desde a infância através dos contos de fada, televisão, propagandas, etc. a se submeterem a noções de “amor” de uma suposta pulsão sexual incontrolável masculina (RICH, 2010).

Há no conto a presença da ruptura, da recusa à uma sexualidade feminina submissa e sem emoção própria. Ao mesmo tempo que o questionamento quanto a sexualidade da avó traz incômodo para Joana, ela também encontra ali uma situação que provoca curiosidade, e um sentimento positivo de saber que, diante de todos os aparelhamentos sociais de controle, houve a possibilidade da avó Clarissa e da tia Carolina viverem momentos felizes:

Pensei na naturalidade com que Taís e eu levávamos a nossa história. Pensei na minha insegurança de contar isso à minha família, pensei em todos os colegas e professores que já sabiam, fechei os olhos e vi a boca da minha vó e a boca da tia Carolina se tocando, apesar de todos os impedimentos. Eu quis saber mais, eu quis saber tudo, mas não consegui perguntar. (POLESSO, 2015, p.41).

Segundo Borrillo (2010), há um menosprezo da sexualidade feminina, inclusive das mulheres lésbicas, porém que pode se tornar fenômeno de violência quando essas mulheres recusam o status social supostamente atribuído ao seu gênero, ou seja, quando recusam papeis sociais de mães e esposas.

Permanecer nos encontros em segredo parece ter sido uma estratégia de sobrevivência adotada pela avó Clarissa e a tia Carolina, ao mesmo tempo em que ambas puderam viver a identidade de orientação sexual enquanto mulheres lésbicas, transgredindo os valores culturais patriarcais e heteronormativos; elas também optaram pela permanência em desempenhar papéis sociais que estariam supostamente direcionados a mulher dentro de uma perspectiva social de gênero desigual como a nossa, ainda atual, sociedade.

Rich (2010, p. 34), no entanto, nos propõe lembrar que além das medidas formuladas para manter as mulheres dentro dos limites sexuais masculinos, um problema que as feministas devem adotar não é simplesmente a desigualdade de gênero, a dominação cultural por parte dos homens, mas principalmente o “[...] reforço da heterossexualidade para as mulheres como um meio de assegurar o direito masculino de acesso físico, econômico e emocional a elas.” Um dos muitos meios de reforço é, obviamente, deixar invisível a possibilidade lésbica [...].”

As possibilidades encontradas pela avó Carolina, diferentes daquelas encontradas pela neta Joana, traz como reflexão quanto aos avanços em relação ao reconhecimento da diversidade sexual. Tema esse que nos ajuda a compreender e avançar pautas dos feminismos existentes, pois “a suposição de que “a maioria das mulheres são heterossexuais de modo inato” coloca-se como um obstáculo teórico e político para o feminismo” (RICH, 2010, p. 19).

Joana se mostra como uma pessoa que pode viver a sua sexualidade com certa naturalidade, embora ainda com alguns receios, de modo que os seus amigos e colegas a conheçam publicamente, fato esse que mantém segredo apenas da família, por medo de eventual situação de lesbofobia. Nos momentos finais da narrativa Joana nos conta a respeito dos seus medos referentes a expor à família sua sexualidade da sua sexualidade: “Pensei na minha insegurança de contar isso à minha família, pensei em todos os colegas e professores que já sabiam [...] (POLESSO, 2015, p.20).

O receio da personagem Joana de falar sobre a própria sexualidade no contexto familiar estava associado aos possíveis comportamentos que seriam adotados pela família ao descobrir que ela não se encaixava nos modelos heteronormativos de sociedade, ou seja, corria o risco de talvez ser estigmatizada ou marginalizada.

Não se trata de uma “insegurança de contar isso” meramente identificada como algo que se associe a uma característica meramente psicologizada de um personagem,

mas de um lembrete da cultura da lesbofobia, que por muito tempo se estruturou também na literatura.

Há uma pedagogia de inferiorização aplicada à mulher lésbica, inclusive em materiais como os verbetes de dicionários, onde costumam trazer exemplos de injúrias homofóbicas, as definindo como “sapatão” (LIONÇO, 2015).

Para Jesus (2012, p.29) A heterossexualidade compulsória, possui “Crença na heterossexualidade como característica do ser humano “normal”. Desse modo, qualquer pessoa que saia desse padrão é considerada fora da norma, o que justificaria sua marginalização”

O medo desse ser marginalizada é algo que podemos observar no nervosíssimo e inquietude apresentados pela personagem Joana, do conto em questão, havendo uma tensão de que ela possa estar fugindo de uma norma.

Outros modelos são sistematicamente ignorados socialmente, inclusive em livros didáticos e paradidáticos, ao mesmo tempo em que se reforça a existência de dois modelos de mundo no que diz respeito a representação social de gênero, um direcionado ao masculino, e outro direcionado ao feminino, estando esse último ainda fortemente associado a vida doméstica. “Também têm observado a representação da família típica constituída de um pai e uma mãe e, usualmente, dois filhos, um menino e uma menina” (LOURO, 2014, p. 70).

Fato esse que, também pode ser pensado a partir do silêncio (im) posto pela avó Clarissa quanto a pergunta de o porquê não morar junto com a tia Carolina, ao mesmo tempo em que se é dito no texto que ambas eram casadas, com homens. Não havia para elas, décadas atrás, as mesmas possibilidades de escolhas reais enquanto “família”, das quais as mulheres lésbicas, como Joana, podem ter hoje.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a análise do conto “Vó, a senhora é lésbica?” foi possível identificar diversos elementos que dialogam com os valores de nossa sociedade patriarcal brasileira, especialmente por se tratar de uma obra literária contemporânea. A presença de elementos que discutem o contexto social do silenciamento em que se encontra pessoas não heterossexuais, além de mostrar as diferenças das possibilidades do feminino entre as personagens da avó e da neta nos permitindo refletir sobre avanços e conquistas tanto de direitos, quanto dos espaços conquistados pelas mulheres lésbicas.

A partir do conto analisado e dos pressupostos teóricos dos feminismos e das estudiosas que estudam as temáticas das sexualidades não heteronormativas foi possível discutir aspectos que abrangem tanto a sexualidade, como os avanços dos direitos das mulheres no contexto brasileiro, os quais desestabilizam uma noção patriarcal moralizante sobre as mulheres.

O clima de tensão estabelecido no conto ficou marcado em forma de pergunta no título e segue a narrativa como algo que se coloca como constante desafio à norma hegemônica heteronormativa, de modo que é na linguagem que se encontra a possibilidade de rompimento da mesma, através do dito e do não dito pela avó Clarissa. A escritora Natália Borges Polezzo nos apresenta uma obra que nos coloca diante de um universo ainda pouco explorado na literatura brasileira, utilizando-se de elementos que podem ser reconhecidos pelo público em geral, o que inclui a população LGBTI+: a presença dos amores secretos.

Obras literárias que trazem temáticas de gênero, orientação sexual e suas intersecções, sobretudo aquelas escritas por pessoas que pertencem a determinados lugares de fala, precisam ser cada vez mais discutidas com vistas a impactar na desconstrução de uma cultura patriarcal e heteronormativa promotora de desigualdades de gênero e sexual. A literatura é um importante instrumento de consolidação e/ou desconstrução de papéis sociais engessados socialmente, sendo por tanto, também um espaço de necessária democratização das maneiras com que se expressa a representação das mulheres lésbicas, com a possibilidade de assumir uma posição de protagonismo e postura positiva, e de resistência a modelos sociais excludentes.

Tal fato se torna primordialmente importante nos dias atuais, visto que os grupos políticos e sociais que se encontram na esfera reacionária aos processos de mudança social e busca por equidade, têm se tornado mais ativos nos últimos anos, tanto no Brasil quanto em outros países. A literatura cumpre um espaço de efetiva contribuição para o desenvolvimento da sociedade quando se torna capaz de denunciar situações de injustiças ou mesmo nos leva a refletir sobre grupos sociais que são sistematicamente invisibilizados. E essas são contribuições presentes que podem ser identificadas na obra da autora em questão.

É na abertura ao ato de conhecer a realidade vivida por minorias sociais que podemos contribuir na democracia, sendo a referente uma possibilidade que nos coloca diante dessa questão, nos fazendo pensar através das personagens em situações

geradoras de conflitos, de medo, ansiedade, curiosidade e sobretudo às questões relacionadas a vivência de uma sexualidade silenciada.

O conto nos desafia a refletir sobre como as famílias, enquanto instituição social, se organizam no silenciamento daquilo que consideram desviante, algo que deveria estar escondido em armários; nos faz pensar em como a cultura do machismo e da lesbofobia aprisiona sentimentos das mulheres lésbicas a ponto de ditar comportamentos sociais esperados para essas mulheres.

Como maior contribuição penso que o conto nos faz refletir sobre a possibilidade de sermos quem somos ainda que diante às adversidades, a possibilidade de reverter padrões sociais de exclusão, os quais são enfrentados pelas personagens Joana, a neta, e pela avó, Clarissa de maneira muito clara no enredo da narrativa em tela. Ambas as personagens, Joana e Clarissa, foram capazes de não se deixarem intimidar pela violência das normas heteronormativas, muito ao contrário, elas buscaram formas alternativas que, de alguma maneira, deram a ambas o direito de assumirem suas respectivas demandas sexuais e de gênero e viveram, cada uma a seu modo, as alegrias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORRILLO, Daniel. Homofobia: História e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: **Autêntica**, 2010.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARDOSO, Kimberlin Kariny Gonçalves; SILVA, Fabio Lacerda M. UMA ANÁLISE HISTÓRICA INTRODUTÓRIA DAS TRÊS ONDAS DO PENSAMENTO FEMINISTA. In: **VIII Simpósio de Iniciação Científica, Didática e de Ações Sociais da FEI**, São Bernardo do Campo, 2018.

CASARIN, Rodrigo. **Vó, a Senhora é Lésbica? Leia o conto que causou polêmica no ENEM. 2018.** Disponível em: paginacinco.blogosfera.uol.com.br/2018/11/06/vo-a-senhora-e-lesbica-leia-o-conto-que-causou-polemica-no-enem/. Acesso em 20 de agosto de 2020.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edição Graal, 1988.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Editora Ática, 2004.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero**: conceitos e termos [Online]. Goiânia: Ser-Tão/UFG, 2012. Disponível em: http://www.sertao.ufg.br/uploads/16/original_ORIENTA%C3%87%C3%95ES_POPUL%C3%87%C3%83O_TRANS.pdf?1334065989. Acesso em: 02 de janeiro de 2020.

LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Debora. Homofobia, silêncio e naturalização: por uma narrativa da diversidade sexual. **Revista Psicologia Política**, v. 8, n. 16, p. 307-324, 2008.

LOURO Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MOREIRA, Nadilza Martins de Barros. **A condição feminina revisitada**: Júlia Lopes de Almeida e Kate Chopin. João Pessoa: Editora Universitária (UEPB), 2003.

MOTT, Luiz. **Por que os homossexuais são os mais odiados dentre todas as minorias?** Gênero & cidadania. Campinas: Pagu/Núcleo de Estudos de Gênero – UNICAMP. p. 143-256. 2002.

POLESSO, Natalia Borges. Vó, a senhora é lésbica? In: POLESSO, Natalia Borges. **Amora**. Porto Alegre: Não Editora, 2015. p.16-20.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas- Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 4, n. 5, p. 17-44, 2010.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. Crítica feminista. In: BONNICI, Thomas. ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**, v. 3, p. 217-242, 2009.